

Sara Bichão

Qual é a Coisa, Qual é Ela

12.03.20 – 09.05.20

“What is the thing, what is it?”

O trabalho de Sara Bichão desencadeia o manso e o violento que acontece a partir do limiar da linguagem. Tem a dualidade de uma lengalenga, a incompletude de uma charada, a flutuação de uma poesia, a interrupção da gaguez. O espaço que inscreve é tão luminoso e solar quanto sombrio e devastador, não existindo um enquadramento textual definitivo ou uma narrativa fechada. “What is the thing, what is it?” é isso mesmo, uma pergunta sem resposta, que nos reenvia à infância, à inquietação filosófica precocemente sentida.

Mais do que uma exposição, temos diante de nós uma paisagem que precisa ser percorrida para existir como um todo. Aqui e além, os significados e os significantes flutuam sem aderir totalmente uns aos outros (a língua trava), fazendo-nos experimentar uma espécie de orfandade da linguagem em relação ao real. Os objetos, que começam por ser comuns, logo se revelam incomuns, manifestando-se como se não tivessem as propriedades que habitualmente lhes atribuímos: uma vassoura que não varre (antes é um vampiro), um tubo de metal onde aflora uma boca (nada sai, tudo some e desaparece), uma sombrinha amarela que “sobe de cabeça para baixo” ou os belíssimos canivetes suíços, sangrando melancolia. Absolutos na sua falta de empatia, estes objetos carregam qualidades plásticas que desafiam quaisquer acomodações em categorias fechadas. Quanto mais incompletos maior a sua capacidade lírica, quanto mais técnicos mais sentimos que são orgânicos.

“Perigosíssimos”, assim descreve Sara Bichão a intensidade dos estragos físicos e morais que alguns destes objetos são capazes de provocar. Feridas, cortes, dores, asfixia, constrição, entre outros - a natureza dos materiais como que regulada por razões de ordem ética. Não me recordo deste tipo de acuidade em tantos outros artistas!... Em contrapartida, o animismo latente de “What is the thing, what is it?” pode ser percebido como uma tentativa de superar o dualismo da racionalidade clássica, ganhando sentido o “*storytelling*” [narração de histórias] no rearranjo das relações entre sujeitos e objetos, entre humanos e não-humanos.

A ideia de decifração está, portanto, fora de questão nesta exposição, assim como em todo o trabalho de Sara Bichão. Existem chaves de leitura, é certo, como o glossário que a artista elaborou para “What is the thing, what is it?”, mas nada garante que abra à clarividência. Cada objeto tem uma gramática irreduzível, parece dizer-nos a artista, ecoando Clarice Lispector em *Água Viva* (1973): “Quem for capaz de parar de raciocinar - o que é terrivelmente difícil - que me acompanhe”. E como não lembrar do estranho universo de *O Alienista* (1882) de Machado de Assis a propósito dos títulos

GALERIA FILOMENA SOARES

Rua da Manutenção – 80 | 1900-321 Lisboa | Portugal | T_ +351 218624122 / 23 | F_+351 218624124 | gfilomenasoares@mail.telepac.pt | www.gfilomenasoares.com

de Sara Bichão? “O alienista procedeu a uma vasta classificação dos seus enfermos. Dividiu-os primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas”.

Nesta paisagem, o desenho e a cor cumprem um papel decisivo. São como fios invisíveis que lhe dão estrutura e densidade. Sara Bichão tem uma habilidade gráfica incomum nos dias de hoje, uma época em que o desenho praticamente deixou de ser uma mediação para a realização de obras de arte, sejam elas pinturas, esculturas ou instalações. Vemo-lo enquanto pensamento ativo de domínio dos objetos, surgindo para sublinhar ou *amansar* a violência do metal, da chapa e das arestas vivas das peças - sintoma de um mundo invisível em ação na materialidade. Quanto às cores, essas distribuem-se numa paleta de espectro meigo a ruidoso e dinamizam a exposição, criando musicalidade. Tanto podem localizar-se em breves apontamentos (no caso de “As facas não mordem”) como constituírem o “*pathos*” de uma cena/ação (como na mesa localizada ao fundo da Galeria Filomena Soares onde se prensa um boneco - um fetiche?). Nesse sentido, a cor e o desenho são sinaléticas de performatividade, qualidades retóricas da emoção física que muitas vezes sentimos ao ver o trabalho de Sara Bichão. E convenhamos que qualquer pessoa verdadeiramente alegre ou triste dificilmente saberá defender dualismos ou categorias racionais para falar do seu estado de alma.

“O meu trabalho é afirmação e dúvida” diz-nos Sara Bichão. Naturalmente teria de ser assim: a dialética imprescindível que expõe e problematiza pontos centrais da arte contemporânea, e que sobretudo leva adiante uma experiência do mundo repleta de surpresas e revelações. Quanto a nós, resta proteger-nos contra a tortura do enigma que o seu trabalho deflagra, repetindo serena e continuamente “What is the thing, what is it?”.

Marta Mestre, Março, 2020.

GALERIA FILOMENA SOARES

Rua da Manutenção – 80 | 1900-321 Lisboa | Portugal | T_ +351 218624122 / 23 | F_+351 218624124 | gfilomenasoares@mail.telepac.pt | www.gfilomenasoares.com

SARA BICHÃO (Lisboa, 1986), vive e trabalha em Lisboa.

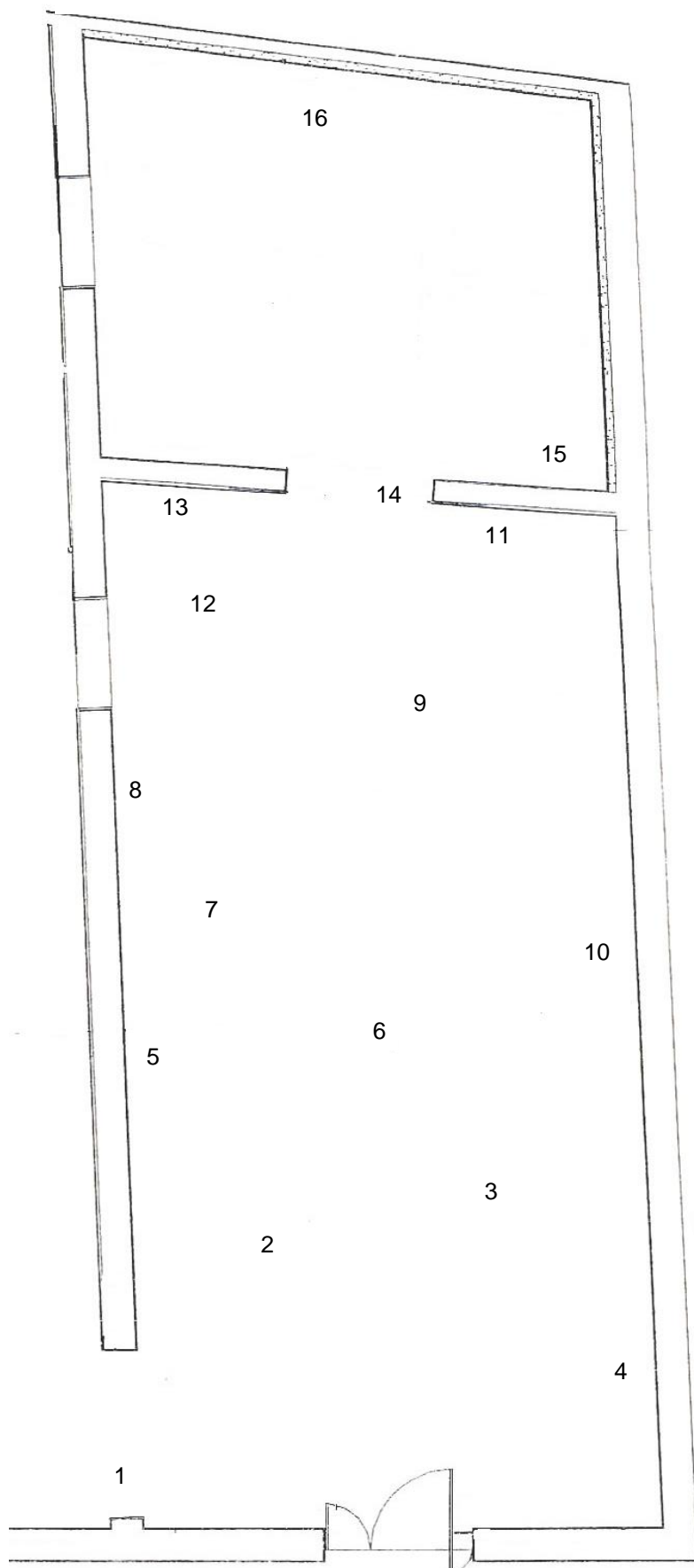
Completoou a licenciatura e o mestrado em Pintura na Faculdade das Belas Artes de Lisboa (2008, 2011). Integrou várias residências artísticas, *Residency Unlimited* (2012, USA), *PIRA ADM* (2016, MX), *Artistes en Résidence* (2017, FR), e no *Centro de Artes Arquipélago* (2018, PT). Expõe desde 2009, destacando-se as exposições individuais mais recentes: *Encontra-me, mato-te* (2018), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; *Coastal* (2017), Barbara Davis Gallery, Houston; *O meu sol chora*, Fundação das Comunicações, Lisboa; *Somebody's Address* (2016) e *Open Gates* (2014), Rooster Gallery, Nova Iorque; *Recheio* (2014), Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa. Das colectivas: *Quando somos 2 somos três* (2018, com Manon Harrois), Fundação das Comunicações, Lisboa; *Geometria Sónica* (2018), Centro de Artes Arquipélago, S. Miguel, Açores; *Chama* (2018), Atelier-museu Júlio Pomar, Lisboa; *Extática Esfinge* (2017), CIAJG, Guimarães; *Curar e Reparar* (2017), Bienal Anozero, Coimbra; *O Que Eu Sou* (2017), MAAT, Lisboa; *Now, this is fucking too hot* (2017, com Manon Harrois), Les Ateliers, Clermont-Ferrand; *Puras Cosas Nuevas* (2017), Pantalla Blanca, Cidade do México; *}}}}* (2015, com Omar Barquet), Diagrama, Cidade do México; *Eccentric Exercise II* (2015), KCB, Belgrade; *Soundless Harmonies* (2014), Artopia Gallery, Milão; *Eccentric Exercise I* (2013), Les Gens Heureux, Copenhaga; *Uma Coisa a Seguir à Outra* (2013, com Miguel Ângelo Rocha), Quadrum Gallery, Lisboa; *Extending the Line* (2012), Arevalo Gallery, Miami.

O seu trabalho está representado em várias colecções públicas: Fundação Calouste Gulbenkian; MAAT; Câmara Municipal de Lisboa; Fidelidade Mundial; Figueiredo Ribeiro; António Cachola; Norlinda e José Lima; Midfirst Bank Arizona; Benetton Foundation, entre outras.

Foi premiada pela Fidelidade Mundial – Jovens Pintores (menção honrosa, 2009), pelo Anteciparte (artista seleccionada, 2009) e pelo BPI/FBAUL (1º prémio na categoria de pintura, 2008).

GALERIA FILOMENA SOARES

Rua da Manutenção – 80 | 1900-321 Lisboa | Portugal | T_ +351 218624122 / 23 | F_+351 218624124 | gfilomenasoares@mail.telepac.pt | www.gfilomenasoares.com



1. *Assobio*, 2019

Metais vários, escova, borracha, pára-brisas

100 x 42 x 45 cm

Peça única



2. *Quando não precisares, abre a tua mão (para baixo)*, 2020

Ferro, tinta acrílica MIPA, tecido de lycra, fósforo

90 x 140 x 340 cm

Peça única



3. *As facas não mordem (5, amarelo torrado)*, 2020

Aço inox, tinta acrílica MIPA, MDF, borracha, nylon

145 x 142 x 21 cm

Peça única



4. *Passa-se que há um olho que roda para a esquerda e outro que insiste em fixar a direita*, 2020

Sistema mecânico e eléctrico, tecido, osso

Peça única



5. *A bola entrou, desceu ao centro e não quer sair*, 2019

Aço, tinta acrílica MIPA

87 x 7 x 7 cm

Peça única



6. *FÁ SOL LÁ SIM DÓ*, 2020

Aço inox, ferro, tinta acrílica MIPA, nylon, tecido de lycra

130 x 145 x 215 cm

Peça única



7. *As facas não mordem (2, baton)*, 2020

Aço inox, ferro, tinta acrílica MIPA, nylon, tecido de lycra

130 x 145 x 215 cm

Peça única



8. **Qual é a coisa, qual é ela**, 2019/20
Aguarela, grafite e tinta ink + caneta de tinta ink
20,5 x 13 cm + 14,1 x 8,5 cm
Peça única



14. **Cão doce, gato mau**, 2020
Vassoura, borracha, lâmina de X-ato, tecido, tinta acrílica e sintética
125 x 28 x 16 cm
Peça única



9. **Um mergulho seria o céu mas já faz frio; o sol ia fazer-me bem mas não aguento o calor**, 2019
Aço inox, tinta acrílica MIPA
110 x 216 x 60 cm
Peça única



15. **Costas de cavalo**, 2019
Aço inox, cinto de segurança automóvel, tinta acrílica
338 x 7 x 40 cm
Peça única



10. **Importa-me lá o que seja, quando parte faz clack**, 2020
Aço inox, nylon, borracha, caneta, papel, plástico, algodão, grafite e marcador permanente
57 x 32 x 14 cm
Peça única



16. **As facas não mordem (1, cor-de-rosa claro)**, 2020
Aço inox, tinta acrílica MIPA, MDF, borracha, nylon
145 x 142 x 21 cm
Peça única



11. **Uma vezes quê**, 2020
Ferro, tinta acrílica MIPA, tecido de lycra, nylon
140 x 140 x 8 cm
Peça única



12. **Qual é a coisa, qual é ela**, 2020
Madeira, tinta acrílica, aço inox, acrílico, tecido, esponja, espuma de enchimento
98 x 220 x 62 cm
Peça única



13. **Verdade ou feítio**, 2020
Mangueira, plástico, metais vários, cabelo, tinta acrílica, tecido
35 x 190 x 200 cm
Peça única